

IDENTIDADE E MEMÓRIA NA LITERATURA INFANTIL: UMA ANÁLISE DE *YNARI, A MENINA DAS CINCO TRANÇAS*, DE ONDJAKI¹

Josilene Ferreira
Tarcianna Lima
Tatianna Melo de Lima

Resumo: Este artigo apresenta uma análise de *Ynari, a menina das cinco tranças* (2010), do escritor angolano Ondjaki, sob a perspectiva da construção da identidade cultural e a representação da memória coletiva. O enredo da obra apresenta a história de uma menina que nasceu com cinco lindas tranças chamada Ynari, a qual consegue pacificar as aldeias de seu país com a ajuda de seu amigo pequenino e do poder das palavras. O objetivo deste trabalho é identificar os elementos que contribuíram para a formação identitária da personagem Ynari e elencar as marcas de memória coletiva presentes na obra. Esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica de cunho qualitativo. Como aporte teórico, foram utilizados autores como Bauman (2005), Bhabha (2013), Hall (2020), Halbwachs (2006), Todorov (2009), Woodward (2012), Silva (2012), entre outros. A partir da análise, averiguou-se que a constituição da identidade da personagem Ynari aconteceu através da linguagem pelo viés cultural, uma vez que as relações sociais vivenciadas aconteceram por meio de atos de criação linguística. Verificou-se também que a memória coletiva está presente na narração dos ritos, cerimônias e outros costumes da cultura africana, bem como na própria temática da guerra abordada na obra.

Palavras-chave: Literatura. Identidade. Memória. Ynari. Ondjaki.

Abstract: This article presents an analysis of *Ynari, a menina das cinco tranças* (2010), by the Angolan writer Ondjaki, from the perspective of the construction of cultural identity and the representation of collective memory. The plot of the work presents the story of a girl who was born with five beautiful braids called Ynari, who manages to pacify the villages of her country with the help of her little friend

1 Título em língua estrangeira: "Identity and memory in children's literature: an analysis of *Ynari, a menina das cinco tranças*, by Ondjaki".

and the power of words. The objective of this work is to identify the elements that contributed to the identity formation of the character Ynari and to list the marks of collective memory present in the work. This research is characterized as a qualitative literature. As a theoretical contribution, authors such as Bauman (2005), Bhabha (2013), Hall (2020), Halbwachs (2006), Todorov (2009), Woodward (2012), Silva (2012), among others were used. From the analysis, it was found that the constitution of the identity of the character Ynari happened through language through the cultural bias, since the social relations experienced happened through acts of linguistic creation. It was also verified that the collective memory is present in the narration of rites, ceremonies and other customs of African culture, as well as in the very theme of war addressed in the work.

Keywords: Literature. Identity. Memory. Ynari. Ondjaki.

Introdução

A obra *Ynari, a menina das cinco tranças* foi escrita por Ondjaki, um autor que nasceu em Angola, país que passou por um longo período de guerra civil após a independência da colonização portuguesa. O tema da guerra é explorado na narrativa de uma forma singela por se tratar de uma obra escrita para crianças, mas que agrada a todos os públicos por trazer uma mensagem bastante envolvente através da história de uma menina que descobriu como o poder das palavras poderia recuperar a paz.

Neste trabalho, apresentamos uma análise de *Ynari, a menina das cinco tranças* a partir da perspectiva da formação da identidade cultural e dos aspectos de memória presentes na obra. Dessa forma, destacamos a linguagem como um

dos elementos culturais essenciais para a construção da identidade da personagem protagonista, uma vez que a história gira em torno dos jogos de significados construídos para as palavras através das relações sociais compartilhadas entre as personagens.

A descoberta da identidade cultural por *Ynari* através da linguagem torna-se o foco da história, uma vez que as palavras utilizadas para “promover” a paz entre os povos só passam a ganhar sentido após a “permuta” por meio de suas tranças, marca que a caracteriza desde o nascimento como parte de seu povo. Nessa perspectiva, a obra apresenta a variação linguística como um fenômeno que constitui um de seus costumes, com a presença do velho muito velho que inventa palavras e da velha muito velha que destrói as palavras.

A memória também será outro elemento importante na análise pelo fato de o texto literário elencar acontecimentos históricos reais, como a guerra civil, que serve como cenário para as aventuras de *Ynari* e seu amigo pequenino. Dessa forma, destacamos que, muito mais que ficção e fantasia, a obra é um relevante instrumento de promoção de conhecimentos a respeito das tradições do povo angolano, principalmente por revelar, por meio da leitura, traços étnicos, traços linguísticos e traços culturais

presentes na memória coletiva, tais como crenças, rituais, costumes e outros.

Estudar e discutir a literatura africana é mergulhar num universo de possibilidades, tanto pelas suas histórias quanto pelas suas riquezas culturais. A presente pesquisa visa mostrar como se constituiu a identidade da personagem Ynari através da linguagem pelo viés cultural e as configurações da memória coletiva apresentadas na obra em questão a fim de demonstrar como o texto literário pode contribuir para valorizar as diferentes culturas.

Algumas considerações sobre identidade, memória e as suas relações com a literatura

A identidade é um tema bastante complexo e muito discutido na contemporaneidade pelos estudiosos das ciências sociais, uma vez que o indivíduo está em constante conflito pela determinação e afirmação de seus valores na sociedade. O presente trabalho traz a concepção de identidade cultural proposta pelo teórico Stuart Hall (2020), o qual define a identidade como algo dinâmico e que está sempre em processo de construção. Assim, para o autor:

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma *falta* de inteireza que é “preenchida” a partir do nosso *exterior*, pelas formas através

das quais nós imaginamos ser vistos pelos *outros*. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos “eus” divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude. (HALL, 2020, p.24-25)

Pelo exposto na citação, entendemos que desde o momento em que tomamos consciência da nossa individualidade, buscamos definir quem somos e, essa busca se torna infinita na medida em que vivenciamos uma incompletude dos nossos vazios, ou seja, estamos constantemente à procura da identidade e lutando para afirmar nossa cultura e ideologias em meio à sociedade na qual estamos inseridos.

Segundo o antropólogo e pesquisador dos estudos culturais Roque Laraia:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 1986, p.45)

Para o autor, o indivíduo é fruto do meio social no qual está inserido, sendo influenciado diretamente pelos resquícios históricos deixados pelos seus antepassados. E um desses resquícios é a linguagem. Dessa forma, entendemos que a linguagem é uma das marcas de identidade cultural, pois ela nos caracteriza como um grupo ou povo. Segundo os estudos sociolinguísticos a linguagem provoca mudanças na língua de acordo com o sentimento de pertencimento a um local, influenciando diretamente na identidade e na atitude dos falantes.

Posto isso, é importante descrevermos que quando nos referimos a linguagem, não estamos especificamente nos referindo à língua enquanto objeto de fala. A linguagem é bem mais ampla e se associa a muitos fatores sociais e culturais. Por essa razão, desde o nascimento, a criança entra em contato com uma variedade de identidades, seja na própria família com os pais, irmãos, avós, tios e essas possibilidades vão se ampliando ao longo da vida quando o sujeito é inserido em outras instituições sociais, como a escola, a igreja, o trabalho, etc. Dentre esses vários modelos possíveis, o sujeito vai construindo a sua própria identidade a partir das relações compartilhadas ao longo da vida.

Conforme afirma o filósofo e sociólogo estudioso das relações humanas Zygmunt Bauman:

A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolha. Muitas outras identidades não sonhadas ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida. Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação. (BAUMAN, 2005, p.91-92)

Diante dessa afirmação, podemos entender que as relações sociais do sujeito durante a vida é que vão moldando a identidade que é flexível, pois, a cada nova experiência, são deixados para trás traços identitários que já não se encaixam mais nessas novas relações e novas ideologias são acrescentadas nessa identidade que está sendo experimentada a todo momento.

É inegável a influência da diversidade cultural trazida pela globalização na formação das identidades múltiplas, quando acontecem as misturas de várias etnias compartilhando os mesmos espaços, o que Homi Bhabha denomina de hibridismo cultural, conforme comenta em *O local da cultura*:

Cada vez que o encontro com a identidade ocorre o ponto em que algo extrapola o enquadramento da imagem, ele escapa à vista, esvazia o eu como lugar da identidade

e da autonomia e – o que é mais importante – deixa um rastro resistente, uma mancha do sujeito, um signo de resistência. Já não estamos diante de um problema ontológico do ser, mas de uma estratégia discursiva do momento da interrogação, um momento em que a demanda pela identificação torna-se, primariamente, uma reação a outras questões de significação e desejo, cultura e política. (BHABHA, 2013, p.92)

O sujeito ao se deparar com uma cultura diferente da sua, busca encontrar traços que se assemelham ou se diferenciam da própria cultura, tenta se inserir no novo espaço assimilando as tradições, os costumes, a maneira de ser do grupo no qual está inserido, mas não deixando as características do seu local de origem, ou seja, a nova identidade será uma mistura do compartilhamento a partir do encontro de diferentes culturas.

Sobre a memória coletiva, podemos afirmar que esta corresponde aos testemunhos que sabemos sobre determinado evento. De acordo com Maurice Halbwachs “fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias permaneçam obscuras” (HALBWACHS, 1968, p. 25), sendo assim, a memória/lembrança se concentra naquilo que eu sei em consonância com aquilo que o outro

sabe, logo, para a construção da identidade, carecemos daquilo que os outros nos oferecem e vice-versa, tendo em vista que somos sujeitos heterogêneos e vivemos em uma sociedade multifacetada.

É importante salientar que, embora se trate do mesmo evento, cada pessoa percebe de maneira particular, numa espécie de confrontação: “tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. É porque concordam no essencial, apenas algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo” (HALBWACHS, 1968, p. 25). Desta forma, nos apoiamos naquilo que lembramos e na lembrança de outras pessoas, tornando nossa rememoração mais legítima ainda.

Conforme Halbwachs:

Mas nossas lembranças ainda permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS 1968, p. 26)

A memória coletiva, portanto, contribui para a constituição da identidade e, assim como na vida real, o

texto literário também oferece ao leitor várias possibilidades de constituição de identidades, pois além da fruição, a literatura é capaz de abrir novos horizontes através das histórias vivenciadas pelas personagens que representam na ficção fatos semelhantes aos vivenciados na realidade.

Sobre esse poder de identificação do leitor de literatura com a vida real, o estudioso Tzvetan Todorov afirma que: “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes” (TODOROV, 2009, p. 22).

O professor e crítico literário Antoine Compagnon no livro *Literatura para quê?* (2009) também comenta a respeito da função da literatura de associar elementos ficcionais a fatos reais. Assim argumenta:

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos. (COMPAGNON, 2009, p. 47)

O argumento nos mostra que através dos livros que lemos, vivenciamos experiências e conhecemos mundos

inimagináveis; ao mergulharmos na ficção podemos conhecer culturas diferentes, tradições e costumes de povos de outras épocas e de lugares diversos, ou seja, através do texto literário podemos ampliar os nossos conhecimentos a respeito de nós mesmos e dos outros nos tornando assim mais tolerantes com as diferenças.

A este respeito, Patrícia Corsino, ao discutir sobre a literatura infantil cita que:

Um jogo em que a palavra tem franjas, se abre às várias leituras pelas quais as crianças se deixam levar nos intervalos abertos. Na literatura infantil, as ilustrações se inserem nesse jogo e, no interdiscurso entre palavras, traços e cores, se abrem mais franjas, ampliando a margem de significação da obra. (CORSINO, 2021, p. 93)

Segundo a autora, através da literatura infantil, as crianças se permitem criar e inventar várias realidades e novos significados, por meio de um jogo de palavras que são complementadas pelas ilustrações. Dessa forma, as obras infantis desvendam locais e povos antes desconhecidos, favorecendo, assim, o conhecimento de outras culturas, etnias e costumes diferentes dos seus.

Paul Ricoeur, em seu livro *A memória, a história, o esquecimento*, retrata no capítulo terceiro da segunda parte a respeito da representação historiadora da narração:

Uma coisa é um romance, mesmo realista; outra coisa um livro de história. Distinguem-se pela natureza do pacto implícito ocorrido entre o escritor e seu leitor. Embora informulado, esse pacto estrutura expectativas diferentes, por parte do leitor, e promessas diferentes, por parte do autor. Ao abrir um romance, o leitor prepara-se para entrar num universo irreal a respeito do qual a questão de saber onde e quando aquelas coisas aconteceram é incongruente; [...] o leitor suspende de bom grado sua desconfiança, sua incredulidade, e aceita entrar no jogo do como se – como se aquelas coisas narradas tivessem acontecido. Ao abrir um livro de história, o leitor espera entrar, sob a conduta do devorador de arquivos, num mundo de acontecimentos que ocorreram realmente. (RICOEUR, 2007, p. 274-275)

O escritor de literatura, mesmo baseando-se em fatos reais e nas suas lembranças pessoais revela um mundo totalmente imprevisível, pois não tem o compromisso de ser fiel aos acontecimentos, como os tratados científicos; o mesmo acontece com o leitor ao ler uma obra literária, ele não está preocupado se aquele acontecimento é real ou não, se o personagem existiu ou não, o que acontece com o leitor é a identificação dos elementos narrados com os fatos cotidianos vivenciados por ele.

Para Joël Candau, identidade e memória são essencialmente indissociáveis nas relações sociais e culturais:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. (CANDAU, 2021, p. 16)

O autor enfatiza o caráter modelador da memória. Consoante ele, é por meio da memória, que os indivíduos constroem a sua identidade, olhando para as memórias construídas pelos antepassados, para assim também, construir novas memórias para as próximas gerações.

Diante das citações apresentadas, percebemos que a literatura exerce um papel muito importante na formação da identidade e na preservação da memória coletiva, pois como afirma o estudioso francês Maurice Halbwachs: “não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória” (HALBWACHS, 1990, p. 65). Dessa forma, entendemos que o escritor de literatura, muito mais do que inventar histórias, faz um registro dos acontecimentos baseados nas lembranças da sociedade na qual está ou esteve inserido, sejam esses fatos reais ou ficcionais.

O que será representado com a análise da obra *Ynari, a menina das cinco tranças* baseada nas concepções teóricas e discussões apresentadas.

Análise da construção da identidade cultural da personagem Ynari e a representação da memória coletiva

A obra *Ynari, a menina das cinco tranças* foi o primeiro livro infantil do escritor angolano Ondjaki, porém encanta a todos os públicos que a leem por transmitir uma linda mensagem de reflexão sobre como as pessoas podem mudar de pensamentos através da imaginação e do poder das palavras. O enredo da obra baseia-se na história de uma menina chamada Ynari que nasceu com cinco lindas tranças que nunca se desfaziam e ela não entendia o porquê.

No início da narrativa, a protagonista conhece um homem pequenino perto de um rio próximo de sua aldeia onde costumava passear:

Certa tarde, já o sol se punha, Ynari ouviu um barulho. Não eram os peixes que saltavam na água, não era o cágado que às vezes lhe fazia companhia, nem era um passarinho verde. Do capim alto saiu um homem muito pequenino com um sorriso muito grande. E, embora ele não fosse do tamanho dos homens da aldeia de Ynari, ela não se assustou. (ONDJAKI, 2010, p. 6)

Os dois começam a conversar sobre as palavras e os seus significados, e a partir daí tornam-se bons amigos passando a se encontrar todos os dias naquele local. Em um desses encontros, o homem pequenino convida Ynari para conhecer

a sua aldeia e ela aceita o convite. Chegando lá na aldeia do homem pequenino, a menina das cinco tranças participa de um ritual no qual o homem mais velho da aldeia inventa as palavras e a mulher mais velha da aldeia destrói as palavras que já não servem para mais nada. Na aldeia do homem pequenino, Ynari também descobre que cada pessoa possui uma magia em seu coração, porém cada qual tem que descobrir qual é a sua.

De volta para casa, durante um sonho, a menina das cinco tranças descobre qual é a sua magia e convida o homem pequenino para acompanhá-la a cinco aldeias que estavam lutando uma contra outra, onde ela usará a sua magia para acabar com a palavra “guerra”, dando a cada uma das cinco aldeias o que eles não possuíam através da palavra “permuta”. E assim aconteceu, com a ajuda do amigo pequenino, Ynari percorreu as cinco aldeias que estavam em guerra, em cada uma delas cortava uma das cinco tranças e dava aos habitantes da aldeia e, no dia seguinte, os aldeões tinham o dom que lhes faltava. Dessa forma, Ynari conseguiu acabar com todas as guerras, trazendo de volta a paz ao seu país.

Diante dos fatos, podemos entender que a construção da identidade da personagem Ynari na narrativa aconteceu

através da linguagem pelo viés cultural, pois foi por meio do ato de construir e destruir as palavras no ritual simbólico presenciado na aldeia do homem pequenino que a menina entendeu o sentido de ter nascido com as cinco tranças que nunca se desfaziam.

A respeito da constituição da identidade por meio das representações simbólicas culturais, Kathryn Woodward afirma que:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos [...] A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? [...]. (WOODWARD, 2012, p. 17-18)

Fica-nos evidente que o sujeito se posiciona na construção da identidade a partir do momento que entra em contato com práticas simbólicas sociais e culturais. Esse processo de construção identitária é visto na narrativa quando aconteceu a mudança no comportamento da personagem Ynari, depois de participar do ritual no qual o homem mais

velho da aldeia constrói as palavras e a mulher mais velha da aldeia destrói as palavras que já não possuíam sentido de existir. Conforme no trecho:

Então, juntos, os velhos deitaram ervas na cabaça enorme mas pequena. Olharam durante algum tempo para Ynari, e finalmente sorriram. Parecia que os dois velhos muito velhos falavam numa só voz:

- Não temos uma magia para te dar, tens que ser tu a descobrir a tua magia... Todos os cacimbos nos reunimos aqui, para destruir palavras que já não servem, e inventar algumas que vão servir para alguma coisa. Nós conhecemos a sombra da tua magia, mas só tu podes saber onde está a própria magia. Hoje queremos oferecer-te uma palavra e dar-te uma fórmula. Ynari sorriu, estava contente, sentiu que todas aquelas palavras lhe eram muito “úteis”.

- Leva contigo a palavra “permuta” – disseram-lhe.

- E a fórmula? – Perguntou Ynari.

- A fórmula está dentro do teu coração. (ONDJAKI, 2010, p. 23-25)

A personagem Ynari antes de conhecer o amigo e participar da cerimônia na aldeia dos homens pequeninos não entendia o motivo que ter nascido com as cinco tranças, o que podemos entender como uma busca de identidade de acordo com a concepção de Stuart Hall. O reconhecimento de que todas as pessoas possuem uma magia guardada

em seu coração, levaram a personagem Ynari a refletir sobre como as cinco tranças poderiam exercer o papel de condutoras de mensagens, ou seja, as próprias tranças constituem a identidade cultural da menina.

Sobre a constituição da identidade pelo viés cultural, Kathryn Woodward nos diz que: “é pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados” (WOODWARD, 2012, p. 42). Portanto, podemos afirmar que a construção da identidade cultural da personagem Ynari pela linguagem se deu através dos novos significados adquiridos pelas palavras nas relações sociais e culturais vivenciadas entre as personagens no decorrer da narrativa.

Conforme descrito no excerto do diálogo de despedida entre Ynari e o homem pequenino:

- Para mim, a palavra “despedida” tem muito da palavra “encontro” e um bocadinho também da palavra “saudade”.
- Explica-me – disse o homem pequeno enquanto o homem se levantava.
- Não sei explicar muito bem... Mas, desde a primeira vez que te vi, eu senti uma coisa no meu coração...
- No teu coração?

- Sim, cá dentro, neste coração que é pequenino e que é tão grande... Eu vou te contar um segredo.
- Conta.
- Mas não digas nada ao velho que inventa as palavras.
- Está bem – sorriu o homem pequeno.
- Eu acho que o meu coração inventou para nós a palavra “amizade”.
- Eu sei, Ynari, eu também senti o mesmo.
- Sério?
- Sim – disse o homem pequeno. – Agora já sabes...
- Já sei o quê? – perguntou Ynari, a menina sem tranças.
- Assim como há um velho muito velho que inventa as palavras, também nosso coração, quando precisa, sabe inventar palavras. (ONDJAKI, 2010, p. 41-43)

Observamos que mesmo tendo descoberto qual era a sua magia e tendo cumprido a sua missão, Ynari continua na busca da identidade através dos jogos linguísticos dos novos significados adquiridos por cada palavra inventada, nesse caso, já não mais pelos velhos aldeões, mas pelos significados criados pela própria protagonista a cada nova experiência vivenciada. Mais uma vez confirmando a linguagem como constituinte principal na constituição da identidade cultural da menina.

Importa evidenciar também que foi somente pelo contato com os seres tão diferentes da aldeia dos homens pequeninos que Ynari encontrou a explicação para o fato de ter nascido com as cinco tranças que nunca se desfaziam, ou seja, foi a partir das relações com outras culturas que a identidade da personagem protagonista foi sendo moldada.

Para Tomaz Tadeu da Silva a diferença é um dos fatores essenciais na construção da identidade cultural:

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são resultados de atos de criação linguística. [...] A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo social e cultural. Somos nós que a fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. (SILVA, 2012, p. 76)

Outro aspecto que se destaca na obra é a questão da memória coletiva, uma vez que Ondjaki se baseia em acontecimentos históricos, como a guerra civil em Angola, para a construção do enredo. Para tanto, o autor descreve os acontecimentos com base em costumes típicos do povo africano através dos conhecimentos e experiências culturais dos membros mais antigos da comunidade, os quais são transmitidos através das relações vivenciadas pela personagem Ynari no decorrer da narrativa.

De acordo com o excerto:

Os caçadores tinham regressado, e o povo estava à volta da fogueira contente com a caçada, de modo que ninguém lhe ia ralhar por chegar tarde. Ynari não gostava de ver os olongos mortos, embora a sua avó lhe tivesse explicado que os homens da sua aldeia só caçavam para comer. (ONDJAKI, 2010, p. 8-9)

Nesse ponto, o autor mostra como os costumes vão sendo transmitidos através das gerações, demonstrando a importância da convivência com os mais antigos para a preservação das tradições de um povo.

Sobre a aproximação das crianças com os idosos para a preservação da memória coletiva, Maurice Halbwachs afirma que: “os avós se aproximam das crianças, talvez, por diversas razões, uns e outros se desinteressam dos acontecimentos contemporâneos sobre os quais se fixa a atenção dos pais” (HALBWACHS, 1990, p. 65). Tal afirmação podemos comprovar na significativa relação da personagem Ynari com a avó no seguinte trecho:

- E tu, de onde vens? – perguntou o homem menor que Ynari.

- Eu venho daquela aldeia ali – apontou a menina na direção das cubatas. -Vivo ali com a minha mãe, o meu pai, a minha avó e o meu povo.

- E quem te faz as tranças?

- Ninguém me faz estas tranças, porque elas não se desfazem... A minha avó diz que eu já nasci com as tranças e que um dia vou saber por quê. Eu gosto muito de brincar com as minhas tranças. (ONDJAKI, 2010, p. 8-9)

A citação nos permite entender a importância do papel da avó de Ynari na transmissão dos valores culturais, uma vez que é por meio da fala da avó que a menina explicou o fato de não saber como as cinco tranças nunca se desfazem ao homem pequenino. Isso demonstra que a memória coletiva é passada de geração em geração através da oralidade e da narração dos mais antigos na cultura daquele povo.

A respeito dos idosos serem os guardiões e transmissores da tradição, João Carlos Tedesco observa que: “o processo de relatar representa a continuidade e transmissão, manifesta o fato de os idosos quererem ser os *guardiões* da memória, os mediadores da tradição” (TEDESCO, 2004, p. 269). Novamente, esse processo é evidenciado na aldeia do homem pequenino, onde os mais velhos também eram os responsáveis por transmitirem as tradições. Conforme narrado no trecho:

Todos sentaram e então Ynari, a menina das cinco tranças, viu que as pessoas pequenas se afastavam para deixar passar o velho muito velho que inventa as palavras e a velha muito velha que destrói as palavras. [...]

Alguns homens pequenos aproximaram-se da velha muito velha que destrói as palavras, e cada um deles disse, no ouvido dela, uma palavra. A velha muito velha que destrói as palavras que os homens pequenos tinham trazido de fora da aldeia e decidiu que ia destruir algumas delas. (ONDJAKI, 2010, p. 21)

Ressaltamos no excerto acima, o respeito demonstrado pelos demais membros da aldeia para com os mais idosos, pois eles eram os principais responsáveis na cerimônia de destruição das palavras que já não serviam e na invenção de algumas que vão servir para alguma coisa. Dessa forma, reforçando o aspecto da transmissão das tradições culturais através da narração das lembranças dos antepassados vivenciadas a cada ano que o ritual era realizado na aldeia dos homens pequeninos.

Podemos então refletir que a memória coletiva narrada através da literatura é uma forma de deixar registrados os costumes e as tradições de um povo de uma determinada época, cujas funções nos auxiliam a conhecer o passado, entender o presente e projetar as nossas ações no futuro. Além de instigar o leitor a se colocar no lugar do outro e assim respeitar as diferenças entre as culturas.

Considerações finais

Na obra *Ynari, a menina das cinco tranças*, Ondjaki nos possibilita refletir de forma leve e envolvente sobre um tema tão sério como a guerra, que afeta não somente a África, mas está presente em todos os continentes, além de ensinar às pessoas que elas podem transformar o mundo através do poder das palavras e da amizade.

Ao descrever as personagens Ynari e o homem muito pequenino, o autor ressalta as diferenças entre eles, não só no aspecto físico, mas também cultural. No entanto, essas diferenças não os impediram de nutrirem o sentimento de amizade. Dessa forma, promove uma reflexão acerca dos preconceitos presentes na sociedade, bem como da importância do respeito e aceitação das diferenças entre as pessoas.

A partir da análise da obra, constatamos que a linguagem é o elemento fundamental na formação identitária da personagem Ynari, pois é através dos atos de criação linguística, surgidos nas relações sociais e culturais, que a menina das cinco tranças reflete sobre o seu papel na sociedade e passa a se constituir como sujeito atuante capaz de transformar as coisas ao seu redor.

Destacamos também o importante papel da variação linguística para a preservação e/ou mudança da cultura

de um povo. Por meio da “permuta” das palavras, os mais velhos faziam o papel que a variação linguística exerce nas comunidades de fala, trocando palavras que já não são mais “úteis” por outras novas que vão fazendo mais sentido para aquele povo naquele determinado momento da sua história.

Vale ressaltar as cinco tranças como outro elemento importante na constituição da identidade de Ynari, uma vez que as tranças são muito mais do que um simples ornamento para as mulheres, elas carregam toda uma simbologia da tradição cultural africana. Ao se desfazer de cada uma das cinco tranças, Ynari levou não somente a paz para aquelas cinco aldeias que estavam em guerra, mas deixou a marca da tradição de força e de resistência na luta pela liberdade.

O tema da guerra abordado na obra é um exemplo de como a memória histórica influencia de maneira significativa na memória coletiva. Isso reafirma as concepções de Halbwachs em relação às interferências dos valores culturais de uma comunidade nas lembranças individuais. Podemos ressaltar, ainda, a grande contribuição da linguagem nas “negociações” entre Ynari e os representantes dos povos, pois, ao trocar as tranças pelas palavras almejadas, desempenhou o papel de pacificadora entre os povos. Assim, ao mesclar fantasia e realidade, o autor narra a

história de Ynari sem deixar para trás as tradições e as marcas causadas pelos conflitos em Angola.

Enfim, em *Ynari, a menina das cinco tranças*, Ondjaki abre um universo de possibilidades de leituras e interpretações, mais uma vez confirmando o poder da literatura de identificação do leitor com a obra através da representação simbólica de valores culturais. Em suma, as discussões não se esgotam nesta pesquisa, é uma obra riquíssima tanto em conteúdo verbal quanto não-verbal, por meio das belíssimas ilustrações, que proporcionam uma gama de possíveis análises sobre diversas temáticas e diferentes abordagens teóricas.

Referências

- BAUMAN, Z. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Leticia Ferreira. 7. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- CORSINO, Patrícia. Infância e literatura nas urdiduras de palavras e imagens. In: MACEDO, Maria do socorro Alencar Nunes (Org.). *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora/organização*. São Paulo: Parábola, 2021.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

LARAIÁ, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ONDJAKI. *Ynari, a menina das cinco tranças*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória temporalidade, experiência e narração*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *Literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Josilene Ferreira

Mestranda em Estudos Literários, pela Fundação Universidade Federal de Rondônia.

Graduada em Letras, Língua Portuguesa, pela Universidade do Estado do Pará, 2013.

Membro do grupo de pesquisa Letramento Literário: estudos de narrativas da/na Amazônia.

E-mail: josyetavinho@gmail.com.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7888-1376>.

Tarcianna Lima

Mestra em Letras, Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal do Amazonas, 2021.

Membro do Grupo de Estudos Linguísticos do Amazonas – GELAM, da Universidade Federal do Amazonas, desde 2018.

E-mail: tarci_sosimel@hotmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9432952933413557>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4478-1956>.

Tatianna Lima

Mestranda em Estudos Literários, pela Fundação Universidade Federal de Rondônia.

Graduada em Letras/Língua Portuguesa, pela Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2006.

E-mail: professoratatiannamel@gmail.com.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0666024106445701>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5797-8489>.